



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVS
LITERATURAS – MESTRADO PROFISSIONAL
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS LITERÁRIOS E SUAS PRÁXIS EDUCATIVAS

BELLY ELIMY TAVARES HONÓRIO

**A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE: O DIREITO À LITERATURA E OS
CAMINHOS DA FORMAÇÃO DO LEITOR**

BELÉM – PA
2023

BELLY ELIMY TAVARES HONÓRIO

**A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE: O DIREITO À LITERATURA E OS
CAMINHOS DA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Linha de pesquisa: Estudos Literários e suas Práxis Educativas.
Orientador: Professora Dra. Renilda do Rosário Moreira Rodrigues-Bastos

BELÉM - PA
2023

**A GENTE QUER COMIDA, DIVERSÃO E ARTE: O DIREITO À LITERATURA E OS
CAMINHOS DA FORMAÇÃO DO LEITOR**

BELLY ELIMY TAVARES HONÓRIO

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas

Linha de pesquisa: Estudos Literários e suas Práxis Educativas.
Orientador: Professora Dra. Renilda Bastos.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Renilda Bastos
ORIENTADORA – PPGELL / UEPA

Prof. Dr. Marco Antônio da Costa Camelo
MEMBRO INTERNO PPGELL

Profa. Dra. Aida Suellen de Lima Galvão
MEMBRO EXTERNO

Visto:

Profª. Dra. Elisa Maria Pinheiro
COORDENADORA DO PPGELL / UEPA

AGRADECIMENTOS

Não posso começar os agradecimentos de outra forma que não seja rendendo Glória a quem é de direito. Se não fosse o Senhor desde o início de tudo, quando este trabalho ainda era um projeto pulsando dentro de mim, antes mesmo de vir a ser um instrumento de ingresso ao Mestrado, se não fosse Ele a me garantir que era possível, nem a inscrição no programa eu teria feito. Nada vem de mim, a capacidade vem dEle e tudo é por Ele e para Ele. Gratidão Àquele que quando morria na cruz em meu lugar pensava na felicidade que eu teria em terminar mais essa fase.

Gratidão ao Levy Junior, meu amigo, meu companheiro e, para minha sorte, meu marido. Obrigada por segurar minha mão em todos os momentos, por cuidar de mim como prometeu antes mesmo de subirmos ao altar. Obrigada pelos colos, lanches e risos proporcionados a mim em cada momento de desespero e agonia, te ter em minha vida fez a caminhada até aqui ser muito mais leve. Eu te amo!

Aos meus pais, Abias Honório e Izabel Tavares, que nunca duvidaram da minha capacidade e talvez acreditem que eu seja muito melhor do que realmente sou. Vocês me criaram para conquistar o mundo enquanto me lembravam de que meu lar não era aqui. Essa conquista é para vocês, que sempre me garantiram que Deus tem o melhor dessa terra para os seus. Mãe, a sua trajetória como professora de Língua Portuguesa é o caminho pelo qual desejo trilhar, obrigada por ser minha referência em tudo.

À Betty Everly, à Berny Erlinny e à Betsy Emely, minhas melhores amigas e as melhores irmãs que eu poderia ter. Toda força e coragem que vocês me desejaram para seguir até o final do curso foram fundamentais, pois eu sabia que enquanto eu escrevia ou desenvolvia a pesquisa, eu tinha pessoas que estavam orando por mim: vocês.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora, Dra. Renilda Bastos, e para ela, as palavras me faltam. Todo o cuidado e carinho ficarão para sempre guardados na minha memória. Obrigada por desapegar de vários livros de seu acervo para emprestar a mim durante o processo de escrita! Obrigada por toda paciência e por me responder a qualquer horário pelo WhatsApp! Sem dúvida, a senhora transmite excelência e afeto, deve ser por isso que é tão amada por onde passa. Que benção a minha em tê-la como orientadora.

Consagre ao Senhor tudo o que você faz e seus planos serão bem-sucedidos. Provérbios 16:3

RESUMO

Este artigo é fruto do trabalho realizado em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental na cidade de Ananindeua (PA) e faz parte de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas (PPGELL), da Universidade do Estado do Pará (UEPA). A proposta colocada em prática teve como objetivo uma abordagem do ensino de literatura por meio de contos de fadas, resultando na criação de textos multimodais como e-book e podcast pelos alunos, tendo em vista a leitura por prazer dentro e fora do ambiente de sala de aula, bem como a utilização da tecnologia como instrumento para alcançar a finalidade proposta. O trabalho teve aportes teóricos de variados autores que versam sobre Literatura e Formação de leitores, como por exemplo Antônio Cândido (1985) e Rodrigues-Bastos (2013).

Palavras-chave: Ensino de literatura; Contos de Fadas; PodCast; Narradores.

ABSTRACT

This article is the result of work carried out with a 6th grade elementary school class in the city of Ananindeua (PA) and is part of a research developed in the Postgraduate Program in Teaching Portuguese Language and its Respective Literatures (PPGELL), of the State University of Pará (UEPA). The proposal put into practice aimed to approach the teaching of literature through fairy tales, resulting in the creation of multimodal texts such as e-books and podcasts by students, with a view to reading for pleasure inside and outside and inside the classroom environment, as well as the use of technology as a tool to achieve the proposed goal. The work had theoretical contributions from various authors who research Literature and Readers' Formation, such as Antônio Cândido (1985) and Rodrigues-Bastos (2013).

Keywords: Literature teaching; Fairy tale; PodCast; Narrators.

SUMÁRIO

1. ERA UMA VEZ UMA PROFESSORA	8
2. QUEM LÊ UM CONTO ESCRIVE UM PONTO: O PROFESSOR LEITOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES	12
3. DE VILÃ À MOCINHA: A TECNOLOGIA EM SALA DE AULA	15
4. A CONSTRUÇÃO DE UM FINAL FELIZ	16
4.1. Aula 01 – Senta que lá vem história	18
4.2. Aula 02 – O que existe depois do era uma vez?	19
4.3. Aula 03 – Quem lê um conto escreve um ponto.....	20
4.4. Aula 04 – Do papel às telas.....	21
4.5. Aula 05 – Existe alguém mais escritor que eu?.....	21
4.6. Aula 06 – Quer ouvir uma história?.....	22
5. E TODOS FORAM FELIZES PARA SEMPRE.....	23
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

1. ERA UMA VEZ UMA PROFESSORA

Passados quase dez anos após a minha formatura em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA), na qual havia dedicado alguns anos de pesquisa à utilização de recontos orais e escritos para a consolidação da proficiência da leitura e da oralidade de alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental (1º e 2º anos), a inquietação e a necessidade de alçar novos voos para a conquista de alunos leitores fizeram com que eu me candidatassem a uma das vagas do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas – PPGELL, da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e, para tanto, coloquei no papel aquilo que há muito tempo inquietava meu fazer docente: o espaço em que a literatura ocupava nas aulas de língua materna das instituições em que atuava, e ainda atuo, como professora.

O Direito à Literatura de Antônio Cândido, texto lido e relido durante as aulas de teoria literária na graduação continuava a ecoar em minha mente mesmo depois de uma década de nossa apresentação oficial em uma das salas do Bloco G, na UFPA. Por esse e outros motivos, como a busca por recursos e estratégias para uma aprendizagem efetiva e transformadora, debruicei-me na escrita de um projeto para tornar o ingresso ao mestrado possível, porém mais que isso, queria encontrar uma forma de tornar a leitura mais apreciada pela geração Z (apesar de que os alunos que chegam até mim já estão na chamada geração Alfa, pois nasceram após os anos 2010). Foi neste momento em que percebi que a melhor forma de ser um professor eficiente é reconhecendo que ainda há muito a aprender, a melhorar e a estudar, o professor precisa ser um eterno aprendiz e, além disso, um exímio leitor. A apreciação da leitura precisaria partir de mim.

Dessa forma, foi durante minhas leituras teóricas, mas principalmente enquanto fazia a leitura do comportamento dos meus alunos que decidi o que escrever e no que dedicar dois anos de pesquisa e empenho para tentar transformar o ambiente de sala de aula, ambiente esse que é direcionado por mim, mas nunca foi “meu”, sempre “nosso”, pois é coletivo e compartilhado por todos os pequenos que compõem a classe. Alcançar o entendimento de que a literatura e a prática de leitura estavam ocupando um espaço diminuto durante as minhas aulas foi essencial para a tentativa.

Lembrei-me, então, das minhas aulas com contos nas séries iniciais, ainda como estagiária no processo de alfabetizar, e o quanto o encantamento envolvendo a narrativa prendia a atenção dos alunos, transformando os seus recontos em textos cheios de vida e fantasia. Recordei das aulas da disciplina Literatura Infantil presenciadas em uma pós-graduação

inconclusa e o quanto os alunos, inclusive eu, já formados e atuantes em sala de aula, ficaram maravilhados com os livros de contos de fadas trazidos pela professora e, por fim, rememorei em como as salas de cinema lotam de pessoas de todas as idades em cada adaptação cinematográfica feita de um clássico “era uma vez” e a quantidade de novos príncipes e princesas no mercado audiovisual. Não foi difícil decidir qual gênero utilizar para o desenvolvimento do projeto.

Além dos motivos supracitados, a escolha por Contos de Fadas se deu, também, por duas razões principais: a relevância do gênero para a existência do que hoje nomeamos Literatura Infantil e a decadência da produção literária feita para crianças nas últimas décadas.

No texto *Era uma vez uma história*, de Rodrigues-Bastos (2013), a autora apresenta o início da Literatura Infantil após a escrita do conto em verso “Pele de Asno”, em 1694, por Charles Perrault, pois antes desse acontecimento, não se tem registrado na história outro texto endereçado para crianças. Através de sua literatura moderna, como ele mesmo denominou, Perrault visava divertir e orientar crianças. Percebemos, então, que desde o início de sua concepção, antes mesmo de ser denominado como Contos de Fadas, esses textos já tinham como objetivo a diversão e o prazer da criança, recém reconhecida dessa forma, uma vez que foi nesse mesmo período que a infância foi “descoberta” e os pequenos seres pararam de ser vistos como homens pequenos.

No que se refere à decadência da produção direcionada para crianças, considero importante citar a fala de Marina Colasanti durante uma entrevista alusiva aos 80 anos da autora em 2018:

A nossa produção para a infância é muito ruim. Temos autores estupendos, ilustradores belíssimos e conseguimos melhorar os padrões físicos dos nossos livros. Mas se publica muito lixo. Muito passarinho, muito gatinho. [...] São os temas na moda e que as editoras buscam, solicitam a determinados autores. Ou determinados autores se interessam por esses temas porque sabem que serão bem-aceitos. Mas o nível, o grosso da produção, é muito fraco. (COLASANTI, 2018)

Parte da crítica da autora se dá pelo uso do diminutivo das palavras pássaro e gato, apontando para o fato de que se convencionou que para produzir textos para crianças, há a necessidade de aproximar a linguagem da delas, ou seja, com o uso da linguagem coloquial, “traduzindo” palavras difíceis e abordando temas isentos de reflexão, situação que não reverbera na leitura de conto de fadas, pois como afirma Bettelheim (2016), diferentemente do que é visto na literatura infantil moderna, na qual “os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados”, nos contos de fadas as ansiedades existenciais e dilemas são tratados com muita seriedade (BETTELHEIM, 2016, p. 18).

Além dos motivos já apresentados, o fato de este artigo resultar em um produto educacional que tem por finalidade a formação leitora dos alunos, mediando suas transformações em leitores/escritores, no qual resultará em crianças criando e contando histórias para crianças, considere relevante o uso de contos de fadas, pois ao retomar os grandes nomes desse gênero, esbarramos em Perrault, o qual colocou o nome do seu filho como autor de sua coletânea de contos, tendo como uma das hipóteses para que isso tenha acontecido o pensamento do autor de que as crianças se identificariam mais com as histórias com o nome do filho dele e não dele na autoria (RODRIGUES-BASTOS, 2013, p. 34). Esse pensamento é compartilhado por mim, pois acredito que quando a produção dos alunos escritores chegar às mãos dos seus colegas da rua de suas casas ou das séries inferiores da escola, o interesse dos alunos em ler os contos produzidos seja maior.

A leitura sobre a vida e obra de Hans Christian Andersen, por sua vez, também me motivou a escolher os contos de Fadas para o ensino da literatura e a formação do leitor/escritor, já que Andersen foi “um criador de histórias cujo contexto sociocultural histórico no qual vivia está sempre presente em sua obra” (RODRIGUES-BASTOS, 2013, p. 34). Um dos intuitos para a criação de contos pelos alunos é a construção do cenário e vocabulário ligados aos elementos da cultura paraense, para que esses alunos, cada vez mais distantes da cultura regional, possam se apropriar desses elementos na construção de uma nova forma de olhar, ler e escrever.

Tendo como inspiração a vida e obra de Andersen, que não só organizava contos de fadas como os seus precursores, mas os produzia através de suas vivências, experiências e viagens pelo mundo, tanto o real como o da fantasia (RODRIGUES-BASTOS, 2013, p.39), decidi, juntamente com meus doze alunos, adentrar no universo mágico dos contos de fadas, com era uma vez e tudo mais o que se tem direito, porém diferentemente dos contos conhecidos pela maioria, o espaço onde as histórias se desenvolvem neste projeto pode até ser muito distante, mas desconhecido não é não. O cenário dessas histórias é conhecido por sua beleza, por seu açaí, por sua cultura e por tantos outros elementos mágicos que fazem com que as narrativas tenham um quê a mais de pertencimento e representatividade. A terra do açaí, da castanha que leva seu nome e do clima quente e úmido foi a ambientação escolhida para que novos contos caminhassem e se desenvolvessem. O era uma vez neste artigo é no Pará e nele Antônio Cândido, BNCC e Leyla Perrone-Moisés serão personagens importantíssimos.

Antônio Cândido em sua obra *Direito à Literatura* utiliza o conceito de “Utilidade Marginal”, que diz respeito ao valor de algo, o qual vai depender em grande parte da necessidade relativa que temos dele, ou seja, quanto mais a sociedade precisa de algo, mais o valor daquilo tende a crescer. No episódio trágico da pandemia do Novo Coronavírus, máscaras

de proteção, álcool fator 70 e outros itens básicos e necessários para a tentativa de prevenção de um dos vírus mais mortais já mencionados na história da humanidade triplicaram seus valores, devido à procura e à necessidade. O que antes era encontrado facilmente e de modo acessível em supermercados e farmácias se tornou algo destinado aos que tinham maiores oportunidades de comprar. Aliado a essa ideia, nota-se que para que um vendedor consiga vender o seu produto, ele precisa criar a necessidade de consumo para o seu público-alvo, dessa maneira ele terá retorno positivo naquilo que vende.

No que se refere à literatura, durante sete anos em que estive em salas de sexto ano, percebi que comumente ela é tida como fator principal nas séries iniciais da formação integral da criança, o que abrange educação e cidadania, com círculos de leitura, projetos lúdicos e o ambiente de sala de aula com organização propícia para o estímulo da leitura, nesse cenário a literatura é vista como necessária e o seu valor inestimável. Nas séries finais, a partir do sexto ano, os critérios e as noções do que é essencial e incompressível para formação do ser mudam, com a presença do foco em preparar as crianças para a aprovação no vestibular, com os vários simulados e a quantidade de professores que triplica, sendo assim, as salas de aula também não têm a mesma organização de antes, as cadeiras são organizadas em fileiras e não há decoração ao redor da sala. As necessidades mudaram, então o valor das coisas também mudará.

Nesse contexto, as necessidades giram em torno do que a criança será quando crescer, será médico? Advogado? Um grande empresário? Seja qual for a profissão escolhida e sonhada, a função da escola passa a ser criar oportunidades para que essa criança chegue, ao se tornar adulto, aonde sonhou, porém Cândido (1985) afirma que “são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual” (pg. 175) e em seguida, o autor afirma o que é defendido por mim nesse artigo: a Literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade.”. Não há problemas em a escola querer formar jovens aptos para serem médicos, mas que sejam médicos humanos, questionadores, críticos e reflexivos de sua prática, nada melhor que um pouco de fantasia para ajudar a formar essas personalidades. A literatura é repleta de fantasia, ela é necessária, portanto, um direito.

Diante das preocupações apresentadas, com o objetivo de desenvolver uma proposta didático-pedagógica com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, para desenvolver o prazer pela leitura, o sentimento de pertencimento, bem como a capacidade de passar de leitor para contador/criador de histórias, os alunos foram direcionados a trabalhar sistematicamente as características dos contos maravilhosos, com foco nos elementos do enredo e da narrativa; explorar a apropriação dos elementos da cultura paraense, como vocabulário, pontos turísticos

e singularidades; construir um acervo digital, e-book, de contos de fadas paraenses com narrativas e ilustrações autorais dos alunos e, por fim, produzir um podcast com a contação das narrativas dos alunos para as séries iniciais e toda comunidade escolar. A seguir contarei quais foram os desafios e conquistas encontradas enquanto trilhava esse caminho.

2. QUEM LÊ UM CONTO ESCREVE UM PONTO: O PROFESSOR LEITOR NA FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES

Como professora, sei que a grande tarefa do professor de língua materna é formar alunos leitores; e vários são os questionamentos e as justificativas para que tenhamos uma geração mais distante dos livros, ou seja, talvez não estejamos fazendo o nosso ofício. Alguns culpam a escola por não trabalhar leitura como se deve, outros culpam o excesso de tecnologia, que torna as crianças mais imediatistas sem que reste a elas paciência para a leitura de um livro, há também os que colocam a culpa na família, a qual é composta por pais extremamente ocupados, não restando tempo para a leitura de textos literários e nem a tradicional leitura antes de dormir ou em outros momentos com os filhos no decorrer do dia. Todos os apontamentos apresentados são válidos, mas mais do que procurar culpados, estamos em tempos de buscar soluções para essa problemática que atinge a maior parte da população brasileira.

Segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, o Brasil perdeu, nos últimos quatro anos, mais de 4,6 milhões de leitores, sendo a maior parte dos que abandonaram o hábito de leitura estudantes do nível superior. Dados da mesma pesquisa afirmam, também, que a faixa de 5 a 10 anos foi a única que teve um aumento em número de leitores. As duas informações extraídas da pesquisa coincidem com o verificado no momento da escrita desse artigo, bem como na produção do produto em breve descrito, uma vez que ao intensificar o ensino de literatura nas séries iniciais, é esperado que o número de crianças encantadas com as descobertas da leitura aumente, pois elas são constantemente incentivadas a praticar a leitura por todo benefício que é notório perceber com o ato de ler.

No entanto, é no momento em que chegam ao ensino fundamental 2, justamente com a idade de 11 anos, que ocorrem mudanças, pois essas crianças passam a ser treinadas para as futuras provas de vestibulares, com a aplicação de simulados e técnicas de resolução de questões sem que haja a necessidade da leitura de todo o texto presente no comando, haja vista que ao chegar no ENEM, Exame nacional do Ensino Médio, elas terão poucas horas para resolver 90 questões em cada dia de aplicação, então se torna preciso ler somente o necessário para solucionar a questão. Lajolo (2002) bem conceitua e elucida essa prática como um

consumo rápido de textos: “a atividade de leitura, que em sua origem era individual e reflexiva, transformou-se em consumo rápido de textos”. No entanto, a ideia de ler somente aquilo que é relevante para passar numa prova se mantém, gerando dados como os descritos acima, em que a maior parte dos leitores que abdicaram dos livros está no ensino superior. Nota-se, portanto, que o não incentivo à leitura e a leitura seletiva reflete na prática leitora pelo restante da vida do discente.

Leyla Perrone-Moisés (2016) no capítulo seis, *O ensino de Literatura*, de seu livro *Mutações da Literatura no século XXI*, começa com uma contextualização rica e detalhista sobre o ensino de literatura e como ela é vista desde o século XIX até à forma como é percebida e trabalhada nos dias atuais. Seu texto começa elucidando claramente o quanto a visão capitalista e econômica relacionada ao futuro provocou mudanças e impactos na forma de conceber a literatura, uma vez que não se enxergava relação direta à área profissional e mercadológica com o ensino de literatura, considerado, então, como não lucrativo. Nesse viés, é possível perceber que nas escolas, hoje, têm crescido as feiras de ciência e tecnologia, a medida em que os saraus e mostras de poesias têm minguado, de maneira análoga, as crianças são apresentadas às telas antes mesmo de darem seus primeiros passos, enquanto a contação de histórias e a apresentação da literatura fica a cargo da escolarização, o que pelo advento da tecnologia também tem ficado em segundo plano.

Voltemos, então, para o questionamento inicial: como o professor realizará a grande tarefa de formar leitores? Sendo um leitor! O primeiro passo para que haja formação de leitores é que aquele que almeja por isso seja, primeiramente, um ávido leitor competente, para que assim possa mediar a relação entre o sujeito em formação e a leitura. O professor visto como alguém imerso na leitura, mantendo com ela uma relação de prazer, transmitirá toda a magnitude presente na literatura e, dessa forma, demonstrando um envolvimento prazeroso, poderá formar um leitor que também a valorize da mesma forma, cultivando o valor da leitura pelas séries e anos seguintes.

É importante ressaltar que a atividade de leitura não é uma prática autônoma, pelo menos não no início da formação do aluno, é fato que o objetivo é que o sujeito seja independente desde as suas leituras literárias até a leitura do mundo e da sociedade em que vive, porém para que isso aconteça, a presença do professor mediador é fundamental. O MEC (2007) afirma que a aprendizagem da leitura não é um processo natural em que a criança se capacita por conta própria, tendo na figura do professor o mediador mais importante para alcançar o êxito nessa tarefa, dessa forma, a prática de leitura é fundamental para que pratiquemos com excelência

nosso ofício, pois como afirma o MEC (2007) o professor “*precisa revelar-se um leitor dedicado e uma forte referência para os seus aprendizes.*” (p.26).

Entendo, por conseguinte, que quando se trata de professor de letras, essa dedicação ainda precisa ser maior, pois se as hipóteses anteriores forem reais, na casa do aluno não há presença de leitura por parte dos familiares, então será na escola que esse aluno encontrará suas referências para ser ou não ser um leitor, por isso a disponibilização de tempo de leitura por prazer em sala de aula é fundamental para que haja uma aproximação desse aluno com textos literários, sem questões gramaticais ou resumos para serem feitos em seguida, apenas um momento destinado à leitura.

O professor que deseja formar leitores conscientes e competentes, precisa dar espaço à leitura em sala de aula, para que os alunos adentrem ao universo literário e recuperem o prazer de ler que sentiram quando ainda decodificavam palavras, pois naquele momento em que descobriam quais os sons e sílabas eram geradas com a união das letras, no instante em que leram as suas primeiras palavras, fossem elas “casa” ou “castelo”, o sentimento era que nada era impossível, eles agora podiam ler! Que esse entusiasmo volte às mentes dos alunos das séries finais do ensino fundamental, ao perceberem que nada poderá os segurar quando lendo textos literários, a leitura da sociedade que os cerca será possível, bem como as respostas das questões interiores possam, enfim, serem encontradas.

A consolidação do leitor abre caminhos para a construção do escritor. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa garantem que:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, consequentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. (BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa - 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 26.)

O discurso amplamente divulgado de que quem “lê bem, escreve bem” foi entendido erroneamente. Na verdade, foi compreendido de acordo com a mentalidade existente sobre o que seria escrever bem para as décadas passadas, a saber, palavras e enunciados correspondentes e de acordo com a gramática tradicional, focando mais na forma em que foi escrita do que no conteúdo expresso. Longe de estar extinta, essa mentalidade ainda é vista na formação do escritor, sem que haja a percepção de que o “o que escrever” oriundo da escrita de acordo com os PCNs está totalmente relacionado à gama de conhecimentos culturais, reflexivos e sociais adquiridos com a leitura. E antes que o leitor deste artigo aponte incoerência ao que foi dito anteriormente sobre a leitura por prazer ser feita sem que haja obrigatoriedade de

atividades escritas, é necessário elucidar que o aluno não deve PRECISAR escrever nada para garantir sua formação leitora, mas muito provavelmente, ele QUERERÁ colocar no papel aquilo que foi apreendido através da leitura.

3. DE VILÃ À MOCINHA: A TECNOLOGIA EM SALA DE AULA

No que tange o direito à literatura, ele permanece firme mesmo na era tecnológica, mesmo não sendo o livro físico nas mãos dos alunos, pois o digital poderá ocupar esse espaço. O fato de as gerações atuais e futuras serem nativas digitais e fluentes na leitura de códigos de programações e estratégia de jogos virtuais, traz ao cenário da sala de aula uma nova forma de vislumbrar a literatura.

Na seção anterior, a tecnologia foi apresentada como um dos “vilões” causadores da diminuição da frequência leitora dos alunos, e pessoas em geral. Não podemos negar que a globalização e o advento da internet modificaram as relações humanas e diversas formas de trabalhar foram criadas e/ou modificadas com essa nova modo de viver, a escola, por sua vez, não pode ficar alheia a essas mudanças, por esse motivo, torna-se necessária a formação de professores capacitados para utilizar as ferramentas tecnológicas como aliados na construção do sujeito leitor, este que mediado por um professor leitor e conhecedor das vias digitais possa apontar os caminhos a serem seguidos por cada sujeito em formação leitora.

O mais recente documento norteador da educação brasileira, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) afirma em seus direcionamentos referentes ao ensino de língua portuguesa que:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais

Os nossos alunos consomem diariamente uma quantidade expressiva de conteúdos digitais devido à facilidade de encontrar todo e qualquer assunto na internet, sabendo disso, o professor deve direcioná-los a saber escolher o que veem e como se expõem na internet, sendo direcionados a expor e consumir o que seja relevante. Desta forma, a utilização de vídeos, textos digitais (e-books) e áudios (podcasts) no ambiente escolar já é feito pelos alunos em qualquer momento em que podem utilizar o celular, porém saber como utilizar essas ferramentas para o ensino aprendizagem de textos literários ao mesmo tempo em que passam de meros

consumidores de conteúdos digitais e passam para criadores de conteúdos de valor nas redes. Essa transformação não só é possível como necessária.

A produção e edição de um livro antigamente era algo extremamente burocrático, uma vez que não necessitava apenas de um bom conteúdo, mas de tempo e valor monetário para fazer com que a comunidade tivesse acesso através de editoras. Na atualidade, no entanto, é possível a criação de e-books digitais de forma gratuita em plataformas como o Canva, uma das ferramentas mais utilizadas para a criação e edição de designs na internet. Sendo assim, de uma maneira prática e eficiente, o professor pode ajudar o seu aluno a passar de um mero receptor de conteúdos digitais para um leitor escritor de e-books. Dessa maneira, o professor pode criar possibilidades de o aluno, com suas próprias produções e construções, deixe a passividade para se tornar um sujeito ativo dentro do espaço da internet.

Seguindo essa linha de raciocínio, foi possível transformar a minha inquietação com a caótica realidade leitora dos alunos em um produto educacional que associa o uso das tecnologias digitais com a leitura e produção de textos.

4. A CONSTRUÇÃO DE UM FINAL FELIZ

Reconhecer que o conflito existia e o clímax estava instaurado foi o estopim para que a tecnologia entrasse e fizesse do ambiente da sala de aula a sua morada. Algo precisava ser feito para que o desfecho fosse igual aos dos contos de fadas e terminasse com todos felizes, para isso, a conciliação entre o meu querer – maior tempo e prazer na leitura – com o gosto dos alunos da geração Alfa – uso de celular e tecnologias digitais – foi o ponto de intercessão que gerou o podcast *Era uma Vez no Pará*, desenvolvido por mim, mas tendo como protagonistas os meus alunos do sexto ano.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a turma escolhida foi o sexto ano do turno da tarde do Centro Educacional Sabedoria (nome fictício), uma escola particular localizada em Ananindeua, no estado do Pará. A escolha se deu por vários motivos, a saber: a escola contava com todos os artefatos tecnológicos necessários para construção do produto, bem como o fato de eu ser a professora da turma, o que facilitou todos os processos da pesquisa e, também, pelo motivo de a turma somar cinco aulas semanais de Língua Portuguesa e Redação, dando condições para que todos os processos, em breve descritos, fossem realizados.

A turma era composta por 12 alunos entre 10 a 12 anos, os quais foram comunicados desde o início de que o projeto desenvolvido faria parte do meu trabalho de conclusão do curso de mestrado, informação que gerou entusiasmo e maior responsabilidade por parte dos

discentes. É importante ressaltar que o gênero Conto de Fadas faz parte do conteúdo programático da série em questão, então foi possível realizar o projeto sem que fosse necessário inserir um assunto diferente daquilo que estava presente no material didático dos alunos, uma vez que cumprir a sequência do livro didático escolhido pela escola é uma das exigências feitas pela coordenação pedagógica, situação que se repete em diversas escolas particulares do Brasil. Sendo assim, partimos do que continha no livro e seguimos por materiais próprios e mais pertinentes ao objetivo da pesquisa.

Para que o podcast se tornasse possível, antes de iniciar as etapas do projeto, em um momento de conversa com os alunos foi trabalhado o entendimento do que se tratava literatura e a diferença entre textos literários e não literários. Geralmente consideramos o público infantojuvenil como menos conhecedores daquilo que os rodeia, porém apresentar a literatura e mediar a construção do reconhecimento da importância dela para a formação integral do ser humano, como exige a Lei de Diretrizes e Bases da Educação básica, é fundamental, sanando as dúvidas que estão sujeitas a aparecer, entretanto não lhes negando a aprendizagem completa por um juízo de valor do qual não temos certeza.

E sobre a importância do ensino da Literatura, Leyla Perrone-Moisés (2016) apresenta diversas razões para que estudar literatura, como por exemplo a capacidade dada por ela para confrontar conhecimentos filosóficos e científicos, bem como a ampliação da visão do real. Além disso, porque ela desautomatiza e valoriza os usos da linguagem verbal. Por fim, ela afirma que ensinar literatura, entre tantos motivos é importante por que “a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento” e em uma sociedade como a nossa, repleta de intolerância e preconceito, ter a noção de que outras realidades são possíveis, proporciona a libertação da ignorância e do desrespeito.

Entendidas as razões de estudar literatura e a relevância de tempo de qualidade destinado à leitura, apresentar o projeto que desenvolveríamos juntos fez muito mais sentido aos alunos, pois à medida em que trabalharíamos com *e-book* e *podcast*, por se tratarem de recursos tecnológicos que abordam a escrita e a oralidade por meio das mídias digitais, gerou engajamento nos alunos, que a cada dia estão mais envoltos no mundo da tecnologia, ao mesmo tempo em que não conseguem associar, ainda, esses recursos, como *podcast*, como uma ferramenta a ser utilizada em sala de aula. O trilhar pela floresta da tecnologia, levando em minha cesta livros e histórias para entregar aos “aluninhos” teve a duração de 12 aulas de 50 minutos, dividida em seis momentos de duas aulas, as quais serão descritas a seguir.

4.1. AULA 01 – SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA

Neste primeiro momento, sem explicações prévias, realizei a leitura do Conto de Fadas *A Bela e a Fera*, de Madame de Beaumont para a turma. Pude perceber pela visão periférica que os alunos, durante a leitura, no momento em que iam se dando conta de qual texto se tratava, comentavam uns aos outros que conheciam, que já tinham lido ou assistido ao filme e sem que fosse necessária que eu chamasse suas atenções para o conto, após dialogarem uns com os outros sobre o reconhecimento do conto, voltavam a prestar atenção no que era lido. Ao término da leitura, os alunos foram ávidos a falar que conheciam o texto, alguns mencionaram que algumas coisas eram diferentes da que eles se lembravam, uma vez que as adaptações cinematográficas eram mais fortes em suas lembranças.

Findado o momento de leitura inicial e comentários sobre o primeiro conto lido, questionei à turma se sabiam qual era o gênero textual ao qual esse texto se enquadrava, os alunos responderam que era Conto de Fadas, então solicitei que recontassem de memória outros contos que lembravam. Verifiquei, nesse momento, que alguns alunos iniciavam o reconto com as palavras características do início de um conto de fadas, o “Era uma vez”, e após isso, desenvolviam a história da maneira em que a sua mente oportunizava. Entretanto, alguns alunos iniciaram contando trechos relevantes de um conto que eles mesmo consideravam conhecidos pela turma inteira, então não se dispuseram a contar com detalhes, pelo motivo antes proferido (provavelmente todos conheciam), ou por não lembrarem da sequência das ações, por exemplo, um aluno iniciou: “Tem aquele da Chapeuzinho vermelho, que a mãe manda ela ir levar doces à vovozinha, mas ela vai pela floresta...”, esse aluno não iniciou com *Era uma vez* e nem finalizou com *felizes para sempre*.

Quando todos os alunos que quiseram recontar um conto terminaram, – vale ressaltar que três alunos, apesar de afirmarem conhecer outros contos, preferiram não os externar, decisão que foi respeitada por mim. Um segundo momento foi iniciado, o qual era para que os alunos elencassem quais as características em comum em todos os contos, as respostas obtidas foram que existia magia, não tinham fadas e sempre terminava bem.

O momento final da aula foi destinado à leitura de contos de fadas, sem que nenhuma atividade fosse cobrada antes ou depois da leitura, os alunos apenas leram quais e quantos contos quiseram do acervo trazido pela professora, em alguns momentos foi necessária a interrupção das conversas paralelas para a retomada da leitura.

4.2. AULA 02 – O QUE EXISTE DEPOIS DO ERA UMA VEZ?

No encontro seguinte, retomei a discussão sobre as Características dos contos de Fadas feita no primeiro encontro e, como já mencionado anteriormente, o gênero Conto de Fadas faz parte da grade de objetos de conhecimentos do 6º ano, por isso, no livro didático da turma é abordado o assunto, bem como suas características e especificidades, porém não era da maneira em que estava contido no material didático que eu pretendia desenvolver o gênero em sala de aula, por esse motivo, durante o componente curricular Produção de Material Didático para o Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas, ministrada pelo professor Dr. José Roberto Alves da Silva, no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Pará, desenvolvi o *e-book* “*O que vem depois do Era uma vez*”, por meio da plataforma Canva. O *e-book* desenvolve as competências e habilidades orientadas pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) sobre o gênero, de modo que o prazer e o gosto pela leitura de contos também fossem trabalhados na medida em que os alunos se envolvessem na leitura do livro digital. Link do e-book:

https://www.canva.com/design/DAE7zaNxMS4/P1k17o5xDm9zAgaV2mD3Dg/watch?utm_content=DAE7zaNxMS4&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton



Imagem 1

Em seguida, os alunos fizeram as atividades contidas no e-book, as quais consistiam na identificação dos elementos da narrativa e do enredo de um conto de fadas escolhido por eles. No momento final da aula, foi a orientação de uma pesquisa direcionada para ser feita na casa deles, na qual eles deveriam buscar informações em sites ou com familiares sobre os elementos

que formam a cultura paraense, a saber, o vocabulário típico da região, pontos turísticos, comidas, danças, histórias e tudo mais que os fizessem entender e se apropriar da cultura do lugar onde moram.

4.3. AULA 03 – QUEM LÊ UM CONTO ESCRIVE UM PONTO

Nessa aula as pesquisas foram socializadas e os alunos ficaram livres para produzir a primeira versão de seus contos de fadas paraenses. A orientação dada foi que obedecessem às características do gênero, com elementos maravilhosos, mas que na construção, o cenário e os personagens fossem paraenses. Para tanto, solicitei que primeiramente os discentes preenchessem uma tabela semelhante à abaixo, para que organizassem melhor suas ideias e soubessem como sequenciar seus textos. A tabela preenchida, porém, não foi solicitada, os alunos entregaram somente a primeira versão dos seus contos, os quais levei para que a minha tarefa de casa (que os alunos pensam que não, mas os professores também têm) fosse ler e corrigir os erros gramaticais e os de coesão e coerência.

Tabela 01

Monte um esquema da história que você vai contar, definindo os elementos essenciais da narrativa e os elementos essenciais do enredo.	
Estabeleça as qualidades e os defeitos das principais personagens da história.	
Pense em possíveis títulos.	

4.4. AULA 04 – DO PAPEL ÀS TELAS

Para dar prosseguimento à produção dos alunos, realizei as correções necessárias no que se refere à ortografia, coesão e coerência dos textos. A aula foi realizada no laboratório de informática da escola, os alunos passaram a limpo seus contos, digitando-os e fazendo a autocorreção que julgaram precisa naquele momento, em seguida, na medida em que entregavam, enviavam por e-mail à professora. Nesse momento percebi que apesar de todo desempenho e fluência dos alunos em tecnologias, a digitação de um pequeno texto tornou-se em um desafio para alguns, que minimamente sabiam utilizar o Word, programa de amplo conhecimento para digitação de textos, poucos sabiam o processo de salvar o arquivo e enviá-lo por e-mail, por isso essa etapa demorou mais que o esperado, sendo necessário que alguns alunos mais proficientes ajudassem os que precisavam. Notou-se, também, que se o processo de escrita fosse desenvolvido pelo celular, o desempenho dos alunos seria muito mais evidente.

Os alunos que entregavam seu texto por e-mail utilizavam os minutos finais da aula para iniciar o processo de ilustração de seus contos. O momento foi de arte, criatividade e descontração, mas não foi possível finalizá-lo em sala de aula, por isso os alunos foram direcionados a terminarem em suas casas.

4.5. ULA 05: EXISTE ALGUÉM MAIS ESCRITOR QUE EU?

No primeiro momento, os alunos foram convidados a revisarem o que tinham escrito, dessa forma, a orientação foi para que lessem seu próprio texto como se não fosse seu, e assim buscar perceber algo que pudesse ser alterado para então passarmos para o *e-book*. Nesse momento, os alunos tiveram a oportunidade de alterar (ou não) sua produção em algum critério que achasse pertinente e “bater o martelo” em sua versão final.

Com os textos finalizados, apresentei alguns modelos de *e-books* pré-selecionados na plataforma Canva e solicitei que os alunos escolhessem qual era o mais adequado para o livro digital da turma. A produção do *e-book* foi realizada pela professora da turma, que após digitalizar as ilustrações, passou a organizar as histórias feitas e corrigidas pelos alunos e dispô-las no *e-book* a partir da plataforma Canva.

Link do e-book Era uma vez no Pará:

https://www.canva.com/design/DAFDy1hE83o/U6m8QsbtYBZM59PMdEm0Pw/view?utm_content=DAFDy1hE83o&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

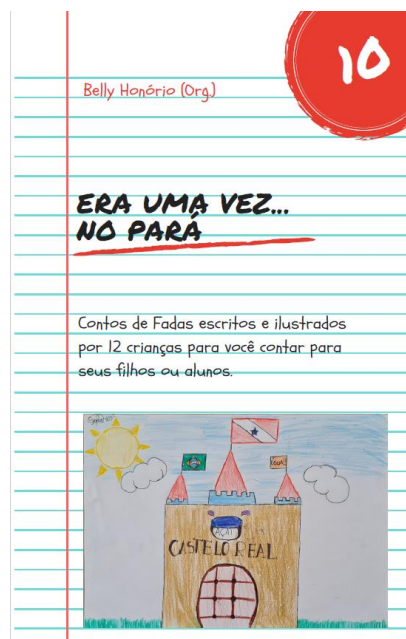


Imagem 2

4.6. AULA 06: QUER OUVIR UMA HISTÓRIA?

Nesta etapa final de produção, enfim o Podcast seria criado. Os alunos, com o *e-book* construído por eles no celular que estava em suas mãos, leram seus textos silenciosamente, cada um o seu, e em seguida selecionaram os colegas que fariam as vozes das personagens que compunham o conto, uma vez que a orientação dada foi que o autor da história seria o narrador e poderia escolher se mudaria a voz para interpretar as personagens ou se delegaria essas funções para os demais colegas. Poucos alunos escolheram narrar também as personagens e os que eram selecionados para a fala do texto do colega se empenhavam demais no “papel”, também dramatizando suas leituras assim como o narrador o fazia.

Utilizando o aplicativo Anchor, uma plataforma gratuita de fazer podcasts, oferecido pelo Spotify, chamei os alunos, um a um, em minha mesa e enquanto os demais praticavam a leitura silenciosa de seus contos, gravei a voz dos alunos fazendo a narração das histórias. A ordem da gravação era padronizada, primeiramente eu gravava o nome do conto e seu autor: “O mistério na Ilha do Combú, uma história criada, narrada e ilustrada por (nome do aluno)”, em seguida o aluno autor do conto escolhia a vinheta que queria que tocasse antes da narração que faria e então passava a ler cada parágrafo escrito. Para que a leitura ficasse menos tensa e diminuísse a probabilidade da leitura errada de palavras, era lido e gravado um parágrafo por vez, que eu nomeava como “parte 01 – Thomas”, por exemplo, e por fim organizava na sequência correta, com a vinheta escolhida pelo aluno e a ilustração feita anteriormente.

Link do PodCast Era uma vez no Pará:

<https://open.spotify.com/show/4sgJaEx5VrdUGExAG5vXnM>



Imagem 3

5. E TODOS FORAM FELIZES PARA SEMPRE

Para finalizar esse diálogo, algumas citações finais se fazem necessárias. Primeiramente, retomo Candido (1985), o qual considera literatura como um bem incompressível, ou seja, indispensável à sobrevivência do ser humano, pois é um fator preponderante para a humanização, confirmando o homem na sua humanidade e é por este motivo que a literatura está tão presente na sociedade como uma ferramenta de instrução e educação por ter um caráter de formação de personalidade. Independentemente do tipo, as produções literárias satisfazem necessidades básicas do ser humano, enriquecendo a nossa percepção e a nossa visão de mundo.

Tendo isso como base, é de notório saber que a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, LDB Lei nº 9394/96, afirma que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e não só a sua qualificação para o mercado de trabalho. Nessa mesma linha, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) garantem que para que a aprendizagem de Língua Portuguesa seja efetiva, o seu ensino deve estar voltado para a função social da língua. Antunes (2003) acentua ainda mais o ponto de vista aqui apresentado quando afirma: “*Aulas de português, perguntamo-nos todos os dias: a favor de quem? A favor de quê? Se as pessoas não ficam mais capazes para – falando, lendo, escrevendo e ouvindo – atuarem socialmente na melhoria do mundo.*”

LDB é a lei que norteia todo e qualquer fazer docente, os PCNs direcionam os professores de Língua Portuguesa, assim como a professora Irandé Antunes tem grande relevância no âmbito acadêmico de professores da língua materna, além disso, o *Direito à literatura* de Antônio Cândido direcionou toda a escrita desse projeto. As quatro citações trazem a necessidade de o aluno em sala de aula se desenvolver de forma integral, o que se reverberará dentro e fora da sala de aula, portanto, acreditamos que o trabalho com a leitura é uma das formas em que a escola cumprirá sua função social, uma vez que os caminhos que se abrem com a leitura vão além do ambiente profissional do aluno, atingindo a formação da sua personalidade e noção do espaço que ocupa no mundo.

E no que se refere ao espaço, os contos de fadas sabem muito bem por onde começar:

Era uma vez, assim começa um conto de fadas, trata-se de uma forma canônica que situa o ouvinte e/ou leitor num lugar especial para onde esse tipo de conto tem o privilégio de o levar. O lugar é um mundo imaginário em que se pode permanecer até o e foram felizes para sempre. O contador é o artista que preenche esses dois pontos invariantes. (RODRIGUES-BASTOS, 2013, p. 41)

Acredito, por fim, que é nesse espaço especial dos contos de fadas que o pequeno leitor dará seus primeiros passos na construção do sujeito ativo na transformação de si e da sociedade que o cerca.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Cultura letrada. Literatura e leitura. (Introdução). São Paulo: Ed. Da Unesp, 2006.

ANTUNES, Irandé. Língua texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARBOSA, João Alexandre. Literatura nunca é apenas literatura. In: www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_17_p021-026_c.pdf

BASTOS, Renilda Rodrigues. Era uma vez uma história. In: PARFOR: Coletânea de textos da disciplina Literatura infantil e juvenil. PARFOR e UEPA. Belém, Pará, 2013, p. 32-44.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: CANDIDO, A. Literatura e Sociedade. 7. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985, p. 73-88.

_____. “Direito à literatura”. In: Candido, A. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANVA, https://www.canva.com/pt_br/about/

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa. Literatura: leitores & leitoras. SP: Ed. Moderna, 2011. p. 07-23.

LAJOLO, Marisa. Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 01/11/2022.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da Literatura do século XXI. 1ª edição- São Paulo: Companhia das Letras. 2016.

RIZZATTI, Ivanise Maria. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. Actio, Curitiba. V. 5. 2. P 1-17. Mai./ago., 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>. Acesso em: 01/11/2022.

Sequências Didáticas para o oral ea escrita: apresentação de um procedimento. In: . Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de Roxana Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das letras, 2004. (p. 81 – 108)

VIEIRA, Divino Gomes. LEITURA DRAMÁTICA NO ENSINO DE LITERATURA: ARTE E OUSADIA EM SALA DE AULA. Dissertação de Mestrado UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Goiás, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5614/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Divino%20Gomes%20Vieira%20-%202016.pdf> . Acesso em: 01 nov. 2022.